

CONGRESO CONVERGENCIA 2023

Que ética para a prática psicanalítica hoje?

## A prática analítica na era digital. Outra ética?

Adriana Bauab

Agradeço aos organizadores. Achei extremamente interessante a convocação para este Congresso, as questões formuladas para refletir sobre as transformações ocorridas nos últimos tempos, e sobre o lugar que nelas ocupa a psicanálise e sua ética.

Um deles diz assim:

Tendo em vista que as sessões online têm se generalizado, quais são as consequências para o nosso ato e para a elaboração dos analisandos?

A psicanálise, sua prática, seu desenvolvimento e sua transmissão estão enraizados em algumas invariantes, o andaime da ética que a anima. Porém, exige do analista permeabilidade às variantes de seu tempo, marcado pelas coordenadas da subjetividade do tempo.

As transformações que o surto de Covid 19 e suas consequências impuseram à psicanálise persistem até hoje. O isolamento social que isso impôs acelerou a inclusão nas análises de gadgets que, com suas telas e aparelhos auditivos, por vezes se tornaram ferramentas essenciais para sua prática.

Isso me levou a trabalhar por alguns anos sobre dois objetos da pulsão – o olhar e a voz – que ocupam um lugar hegemônico na direção da cura, a meu ver, porque são eles que preconizam o desejo. Particularmente tendo em conta a forma como são colocados em jogo nas sessões online.

Por enquanto é verdade que esses aparelhos, os gadgets, facilitaram a continuidade do nosso fazer. No entanto, tremula no horizonte aquela pergunta que Lacan nos faz na Terceira Conferência que faz em Roma: O futuro da psicanálise depende do que acontece com esse real. ¿Os gadgets realmente funcionarão de forma descontrolada? ¿Será que nós mesmos nos tornaremos animados por gadgets? Eu me pergunto: ¿que real sai da mão desses aparatos tecnológicos e da inteligência artificial?

O amar, o trabalhar, o vínculo com o outro que antes se alimentava do face a face, transitou em grande medida para um universo virtual que modificou drasticamente sua dinâmica. Atualmente, diferentes latitudes, diferentes acentuações do mesmo idioma, diferentes idiomas penetram nas profundezas da análise. E a câmera entra nas casas dos analisandos. Quando é em casa... e não é o carro, nem a varanda, nem a praça onde decorre a sessão. Os dispositivos começam a desempenhar um papel significativo na escuta. Assim, quando uma analisando iniciava uma sessão em que sua voz era quase inaudível, ela dizia: “Meu volume é baixo”, o que levou a mencionar seu corpo reduzido, sua figura muito pequena e a lembrar o quão pouco era ouvida em sua família de origem quando queria falar. Outra analisando, durante o horário da sessão, me ligou sem ligar a câmera. Que ato falhado!, disse. Respondi que talvez fosse hora de parar de procurar. Desligar a câmera ou que o analisando olhar para longe equivale a dar rédea solta ao inconsciente. É para proteger a grande invenção freudiana, a subversão do espaço, o divã – dire vent – onde as palavras em associação livre não são levadas pelo vento, mas importam no real. Y creio que é isso que sustenta a ética da psicanálise. O valor hegemônico da palavra, elevada a significante que por sua insistência dará a letra a ser lida, o litoral entre o desejo e o gozo.

O enquadramento estrito sofreu uma mudança decisiva. A situação analítica, como gosto de chamá-la, seguindo “A direção da cura” de Lacan, inaugura um espaço e um tempo fora dos muros, onde o que está em jogo é um dizer.

A análise em seu desenrolar significativa constrói e atravessa o fantasma que habita o sujeito, feito de restos vistos ou ouvidos, quando ainda não tinha sua palavra, de se fazer ouvir.

Olhares humilhantes, cruéis ou críticos. Vozes hostis que trovejam ou rosnam são a tela da moldura em que o fantasma é tecido. O fantasma do famoso texto “Eles batem em criança” se desenvolve naqueles que nos consultam e nos dão a conhecer sua outra tristeza, aquele gozo que vai além do princípio do prazer.

Ser espancado, humilhado, castigado por um dos pais, causa gozo, ignorado, parasita, mas gozo no final e é a seiva que alimenta a repetição desse sofrimento em outros cenários, com outros personagens.

Basta lembrar o olhar aterrorizante dos lobos do sonho repetitivo do paciente russo de Freud, Serguei Pankeyev. É assim que Lacan se refere a isso quando nos diz: Se esse sonho de repetição adquire toda a sua importância e Freud o escolhe como central, é porque ele é o puro fantasma revelado em sua estrutura. Trata-se da relação da fantasia com o real. Ou seja, com o gozo que retém o sujeito. De que olhar se trata nessa outra cena da análise? Que voz quando não é a do superego? O desejo do analista é saber fazer com o olhar e com a voz?

O olhar que se põe em jogo na análise é um olhar pacificador, é aquele que cumpre o papel de moldura. Nem medusante, nem paralisante, não é o do mau-olhado, nem o da inveja. Trata-se do pano de fundo civilizatório, do fator calmo e encantador que opera a função pictórica na transferência. Como na pintura "A Condição Humana" de Rene Magritte, permite ao sujeito pintar um outro quadro para sua existência.

Um recorte da clínica:

Ernesto emigrou com a mulher e dois filhos pequenos para uma cidade estrangeira e, passado algum tempo, decide iniciar uma análise que se fará através de videochamadas. Ele relata mudanças permanentes de emprego, em mais de uma ocasião provocadas por ele, em busca de um que o satisfaça. Está cada vez mais difícil para ele ir ao escritório por causa do mau humor e do aborrecimento que isso lhe causa. Descreve manifestações no

corpo como sensação de falta de ar, queimação no peito e dermatite seborreica na testa e face que lhe causavam muito desconforto. Seus sintomas aparecem quando ele tem que reportar seu trabalho a um superior, ele não suporta aquele estresse e o corpo o manifesta. Ele diz que trabalha muito, mas não pode ser visto.

Seu pai ficou deprimido depois de ser demitido de uma empresa na meia-idade. Ele se lembra dele quieto e crítico com ele. A mãe não perdia tempo para reclamar e lamentar a decisão de partir em busca de horizontes em outro país.

Em uma sessão, ele conta que sonhou com o patrão, mas não se lembra do conteúdo do sonho. Ele diz que tem que procurar um emprego diferente no trabalho, não sabe quando falar e embora às vezes discorde, acaba mantendo sua opinião em silêncio e então sente aquela sensação de queimação no peito e suor na testa. Você acha que vê seu chefe como um pai julgador.

Falando nisso, ele repentinamente exclama: Lembrei-me do sonho. Lá ele podia falar o que quisesse, confrontava o patrão, dizendo o que ele discordava. E ele ficou aliviado.

O sonho, via regia ao inconsciente, expressa um desejo de se posicionar – de acessar um semblante? - que te permite des- sentir -, ou dizer o que sentes, principalmente no trabalho onde tens mais dificuldades. Diga em palavras o que sua testa e seu corpo manifestam com esses sintomas irritantes.

Sintomas que desaparecem à medida que a análise progride.

Não ceda ao desejo, leia ao pé da letra, uma prescrição da ética da psicanálise que, além da tecnologia utilizada, detém o ato analítico na aposta pelo sujeito.